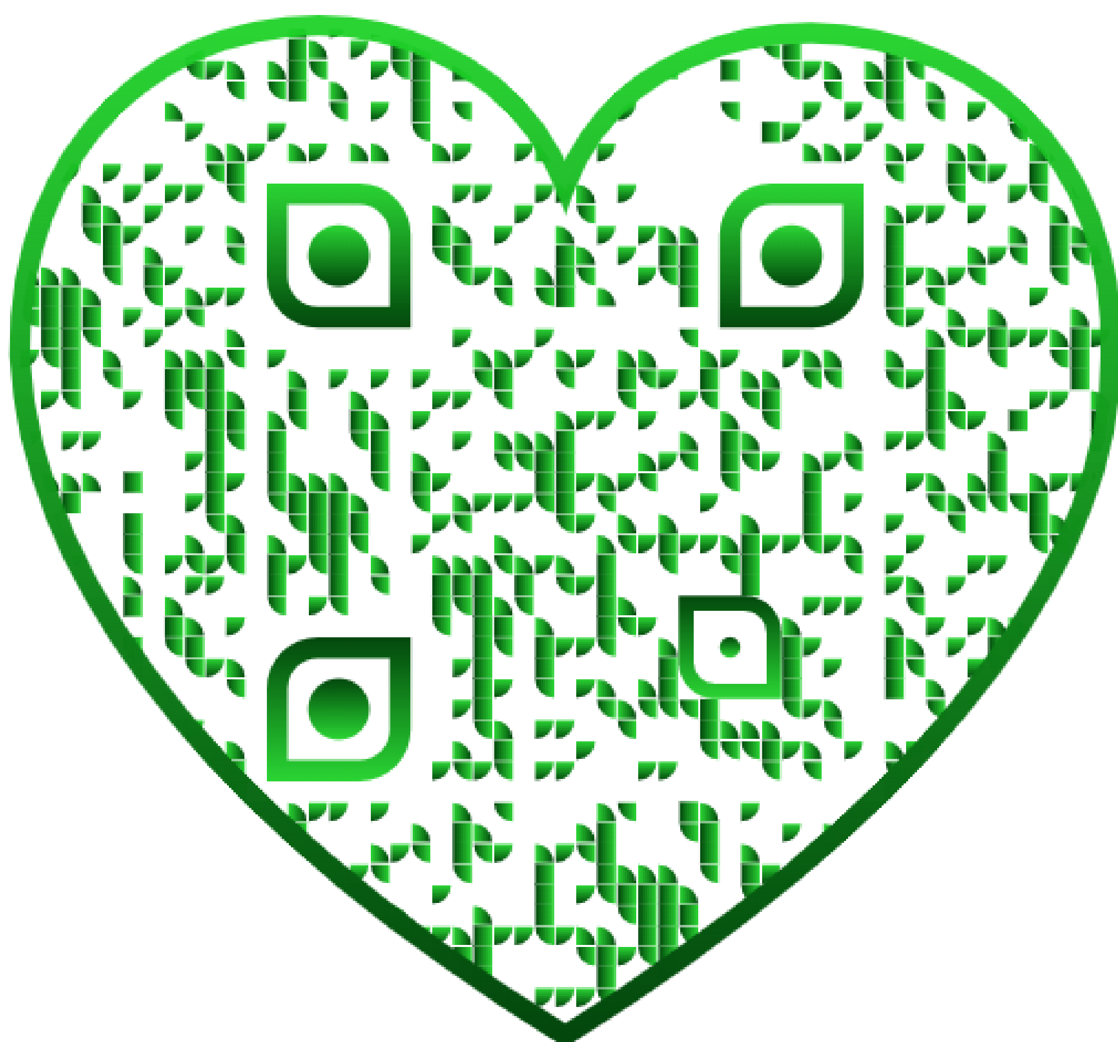
CORONAVÍRUS
E A LUTA DE CLASSES

DAVID HARVEY | *SLAVOJ ŽIŽEK* | **ALAIN BAIDOU**
MIKE DAVIS | *ALAIN BIHR* | **RAÚL ZIBECHI**

editora
TERRA SEM AMOS





editora
TERRA SEM AMOS

www.terrasemamos.wordpress.com
www.facebook.com/tsa.editora
www.instagram.com/tsa.editora
tsa.editora@gmail.com

Traduzido de:

BADIOU, Alain. *Sobre la situación epidémica*.
Lobo Suelto (www.lobosuelto.com)

BIHR, Alain. *Pour une socialisation de l'appareil sanitaire (le cas de la France)*.
Europe Solidaire Sans Frontières (www.europe-solidaire.org)

DAVIS, Mike. *The Coronavirus Crisis Is a Monster Fueled by Capitalism*.
In these times (www.inthesetimes.com)

HARVEY, David. *Política anticapitalista en la época de COVID-19*.
Lobo Suelto (www.lobosuelto.com)

ZIBECHI, Raúl. *Coronavirus: la militarización de las crisis*.
La Jornada (www.lajornada.com)

ŽIŽEK, Slavoj. *Un golpe tipo 'Kill Bill' al capitalismo*.
Lobo Suelto (www.lobosuelto.com)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

D263 DAVIS, Mike. *et al*

DAVIS, Mike, *et al*: Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

48p.

1. Ecologia 2. Ciências Sociais 3. Luta de Classes. I. Mike Davis. II. David Harvey. III. Alain Bihr. IV. Raúl Zibechi. V. Alain Badiou. VI. Slavoj Žižek. VII. Título.

CDD: 577

SUMÁRIO

A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo
MIKE DAVIS 05

Política anticapitalista em tempos de COVID-19
DAVID HARVEY 13

França: pela socialização do aparato de saúde
ALAIN BIHR 25

Coronavírus: a militarização das crises
RAÚL ZIBECHI.. 31

Sobre a situação epidêmica
ALAIN BADIOU 35

Um golpe como "Kill Bill" no capitalismo
SLAVOJ ŽIŽEK.. 43

Sobre os autores.. 48

A CRISE DO CORONAVÍRUS É UM MONSTRO ALIMENTADO PELO CAPITALISMO

Mike Davis

A Caixa de Pandora está aberta, e o nosso implacável sistema econômico está tornando tudo muito pior.

Coronavírus é o velho filme que temos visto repetidamente desde que o livro de Richard Preston, The Hot Zone, de 1995, nos apresentou ao demônio exterminador, nascido em uma misteriosa caverna de morcegos na África Central, conhecida como Ebola. Foi apenas o primeiro de uma sucessão de novas doenças que irromperam no "terreno virgem" (esse é o termo apropriado) do sistema imunológico inexperiente da humanidade. O Ebola foi logo seguido pela gripe aviária, que se propagou aos humanos em 1997, e pelo SARS, que surgiu no final de 2002. Ambos os casos apareceram primeiro em Guangdong, o centro de produção mundial.

Hollywood, claro, abraçou intensamente estes surtos e produziu uma série de filmes para nos provocar e assustar. (O Contagio de Steven Soderbergh, lançado em 2011, destaca-se por sua ciência precisa e pela antecipação assustadora do caos atual). Além dos filmes e dos inumeráveis romances de terror, centenas de livros em série e milhares de artigos científicos têm respondido a cada surto, muitos enfatizando o terrível estado de preparação global para detectar e responder a essas novas doenças.

UM NOVO MONSTRO

Então o Corona entra pela porta da frente como um monstro familiar. Sequenciar o seu genoma (muito semelhante à sua bem estudada irmã, SARS) foi fácil, mas ainda falta muita informação. Como os pesquisadores trabalham noite e dia para caracterizar o surto, eles se deparam com três grandes desafios. Primeiro, a falta permanente de kits de teste, especialmente nos Estados Unidos e África, tem impedido estimativas precisas de parâmetros chave, como a taxa de reprodução, tamanho da população infectada e número de infecções benignas. O resultado tem sido um caos numérico.

Em segundo lugar, tal como as influenzas anuais, este vírus está em mutação à medida que circula através de populações com diferentes composições etárias e condições de saúde. A variação que os americanos irão muito provavelmente contrair já é ligeiramente diferente da do surto original em Wuhan. Mutações adicionais podem ser benignas ou podem alterar a difusão atual do vírus, que aumenta drasticamente após os 50 anos de idade. O coronavírus é no mínimo um perigo mortal para os americanos que são idosos, têm sistemas imunitários fracos ou problemas respiratórios crônicos.

Terceiro, mesmo que o vírus permaneça estável e pouco mutável, seu impacto sobre os grupos etários mais jovens pode ser radicalmente diferente nos países e grupos mais pobres. Considere a experiência global da gripe espanhola em 1918-19, que se estima ter matado 1 a 3% da humanidade. Nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, o H1N1 foi mais mortal para os jovens adultos. Isto tem sido geralmente explicado como resultado do seu sistema imunológico relativamente mais forte, que reagiu exageradamente à infecção atacando as células pulmonares, levando à pneumonia e ao choque séptico.

De qualquer forma, a gripe encontrou um lugar favorável nos acampamentos do exército e nas trincheiras do campo de batalha, onde atingiu os jovens soldados às dezenas de milhares. Isto se tornou um fator importante na batalha dos impérios. O colapso da grande ofensiva da Primavera alemã de 1918 e, portanto, o resultado da guerra, foi atribuído por alguns ao fato de os Aliados, em contraste com o seu inimigo, poderem reabastecer os seus exércitos

doentes com tropas americanas recém-chegadas.

Mas a gripe espanhola nos países mais pobres tinha um perfil diferente. Raramente se aprecia que uma grande proporção da mortalidade global tenha ocorrido no Punjab, Bombaim e outras partes da Índia Ocidental, onde as exportações de cereais para a Grã-Bretanha e as práticas brutais de exportação coincidiram com uma grande seca. A escassez de alimentos resultante levou dezenas de pessoas pobres à beira da inanição. Eles se tornaram vítimas de uma sinistra sinergia entre a desnutrição – que suprimiu sua resposta imunológica à infecção e produziu uma inflamação bacteriana, bem como uma pneumonia viral.

Esta história – especialmente as consequências desconhecidas das interações com a desnutrição e as infecções existentes – deveria advertir-nos que a COVID-19 pode tomar um caminho diferente e mais mortal nos bairros de lata densos e doentes da África e do Sul da Ásia. Com casos que agora aparecem em Lagos, Kigali, Addis Abeba e Kinshasa, ninguém sabe (e não saberá por muito tempo devido à ausência de testes) como pode interagir com as condições de saúde e as doenças locais. Alguns têm afirmado que como a população urbana de África é a mais jovem do mundo, a pandemia terá apenas um impacto ligeiro. À luz da experiência de 1918, esta é uma conclusão tola. Assim como a suposição de que a pandemia, tal como a gripe sazonal, irá recuar com um clima mais quente.

O LEGADO DA AUSTERIDADE

Daqui a um ano podemos olhar para trás com admiração para o sucesso da China em conter a pandemia, mas com horror ao fracasso dos Estados Unidos. A incapacidade das nossas instituições de manter a Caixa de Pandora fechada, é claro, não é uma surpresa. Desde pelo menos 2000, temos visto repetidamente falhas na linha de frente dos cuidados de saúde.

Tanto a temporada de gripe de 2009 como a de 2018, por exemplo, sobrecarregaram os hospitais em todo o país, expondo a chocante escassez de leitos hospitalares após anos de cortes na capacidade de internação, com fins lucrativos. A crise remonta à

ofensiva corporativa que levou Ronald Reagan ao poder e converteu os principais democratas em porta-vozes neoliberais. De acordo com a Associação Hospitalar Americana, o número de leitos hospitalares diminuiu extraordinariamente em 39% entre 1981 e 1999. O objetivo era aumentar os lucros aumentando o "censo" (o número de leitos ocupados). Mas a meta da gerência de 90% de ocupação significava que os hospitais não tinham mais capacidade de absorver o fluxo de pacientes durante epidemias e emergências médicas.

No novo século, a medicina de emergência continuou a ser reduzida no setor privado pelo imperativo do "valor de ação", de aumentar os dividendos e lucros a curto prazo, e no setor público pela austeridade fiscal e reduções nos orçamentos estaduais e federais destinados ao setor. Como resultado, há apenas 45.000 leitos de UTI disponíveis para lidar com a projetada torrente de casos graves e críticos decorrentes do coronavírus. (Em comparação, os sul-coreanos têm três vezes mais leitos disponíveis do que os estadunidenses). Segundo uma investigação do *USA Today* "apenas oito estados teriam leitos suficientes para tratar os 1 milhão de americanos com mais de 60 anos que poderiam ficar doentes com a covid-19".

Ao mesmo tempo, os republicanos repudiaram todos os esforços para reconstruir as redes de segurança destruídas pelos cortes orçamentais da recessão de 2008. Os departamentos de saúde locais e estaduais – a primeira linha vital da defesa – têm hoje 25% menos pessoal do que tinham antes da segunda-feira negra, há doze anos. Além disso, na última década, o orçamento do CDC caiu 10% em termos reais. Sob Trump, as deficiências fiscais só se ampliaram. O *New York Times* informou recentemente que "21% dos departamentos de saúde locais relataram reduções nos orçamentos para o ano fiscal de 2017". Trump também fechou o escritório da Casa Branca contra a pandemia, uma instância criada por Obama após o surto de Ebola de 2014 para assegurar uma resposta nacional rápida e bem coordenada às novas epidemias.

Estamos nos estágios iniciais de uma versão médica do Furacão Katrina. Depois de desinvestir na preparação médica de emergência, ao mesmo tempo em que toda a opinião de especialistas recomendou uma grande expansão da capacidade, faltam-nos os suprimen-

tos básicos de baixa tecnologia, bem como respiradores e leitos de emergência. Os estoques nacionais e regionais foram mantidos em níveis muito abaixo do indicado pelos modelos epidêmicos. Portanto, o desastre com o kit de teste coincidiu com uma escassez crítica de equipamentos de proteção para os trabalhadores da saúde. Os enfermeiros militantes, bastiões de nossa consciência social nacional, estão se certificando de que todos nós devemos compreender os graves perigos criados por estoques inadequados de equipamentos de proteção, como as máscaras de rosto N95. Eles também nos lembram que os hospitais se tornaram estufas para superbactérias resistentes a antibióticos, como S. aureus e C. difficile, que podem se tornar grandes assassinos secundários em unidades hospitalares superlotadas.

UMA CRISE DESIGUAL

O surto expôs instantaneamente a divisão de classes na saúde americana. Aqueles com bons planos de saúde que também podem trabalhar ou ensinar de casa estão confortavelmente isolados, desde que sigam salvaguardas prudentes. Os funcionários públicos e outros grupos de trabalhadores sindicalizados com cobertura decente terão de fazer escolhas difíceis entre renda e proteção. Enquanto isso, milhões de trabalhadores com baixos salários, trabalhadores rurais, desempregados e sem teto estão sendo jogados aos lobos.

Como todos sabemos, a cobertura universal, em qualquer sentido significativo, requer uma provisão universal para cobrir os dias de ausência remunerada por doença. Atualmente, 45% da força de trabalho não tem esse direito e é praticamente obrigada a transmitir a infecção ou ficar com o prato vazio. Da mesma forma, 14 estados recusaram-se a decretar a provisão da Lei de Cuidados Acessíveis que expande o Medicaid para os trabalhadores pobres. É por isso que quase um em cada cinco texanos, por exemplo, não tem cobertura.

As contradições mortais dos cuidados de saúde privados numa época de peste são mais visíveis na indústria de asilos com fins lucrativos que alberga 1,5 milhões de idosos americanos, a maioria deles pelo Medicare. É uma indústria altamente competitiva, capitalizada por baixos salários, falta de pessoal e cortes ilegais de custos.

Dezenas de milhares morrem todos os anos devido à negligência das instalações de cuidados a longo prazo em relação aos procedimentos básicos de controle de infecções e ao fato de os governos não responsabilizarem a administração por aquilo que só pode ser descrito como homicídio culposo. Muitos destes asilos acham mais barato pagar multas por violações sanitárias do que contratar funcionários adicionais e dar-lhes formação adequada.

Não é surpreendente que o primeiro epicentro da transmissão comunitária tenha sido o Life Care Center, um asilo no subúrbio de Seattle, em Kirkland. Falei com Jim Straub, um velho amigo que é um sindicalista dos asilos de Seattle. Ele caracterizou as instalações como "uma das piores do estado" e todo o sistema asilos de Washington "como o mais subfinanciado do país – um oásis absurdo de sofrimento severo em um mar de dinheiro da tecnologia".

Straub ressaltou que as autoridades de saúde pública ignoravam o fator crucial que explica a rápida transmissão da doença do Life Care Center para outros nove asilos próximos: "Trabalhadores de asilos no mercado de aluguel mais caro da América trabalham universalmente em vários empregos, geralmente em vários asilos". Ele diz que as autoridades não conseguiram descobrir os nomes e a localização desses segundos empregos e, assim, perderam todo o controle sobre a disseminação da COVID-19.

Por todo o país, muitos mais lares de idosos se tornarão focos de coronavírus. Muitos trabalhadores acabarão por escolher o centro de alimentação em vez de trabalhar sob tais condições e ficar em casa. Neste caso, o sistema pode entrar em colapso – e não devemos esperar que a Guarda Nacional esvazie as fraldas.

O CAMINHO A SEGUIR

A pandemia ilustra o caso da cobertura universal da saúde e das licenças pagas com cada etapa do seu adiantamento mortal. Enquanto Joe Biden provavelmente enfrentará Trump nas eleições gerais, os progressistas devem se unir, como propõe Bernie Sanders, para vencer o Medicare for All. Os delegados Sanders e Warren combinados têm um papel a desempenhar na Convenção Nacional

Democrática de Milwaukee em julho, mas o resto de nós tem um papel igualmente importante nas ruas, começando agora com as lutas contra despejos, demissões e empregadores que recusam indenização aos trabalhadores em licença.

Mas a cobertura universal e as reivindicações associadas são apenas um primeiro passo. É decepcionante que nos debates primários nem Sanders nem Warren tenham destacado a renúncia da indústria farmacêutica à pesquisa e desenvolvimento de novos antibióticos e antivirais. Das 18 maiores empresas farmacêuticas, 15 abandonaram totalmente este campo. Medicamentos para o coração, tranquilizantes viciantes e tratamentos para a impotência masculina são líderes do lucro, não as defesas contra infecções hospitalares, doenças emergentes e assassinos tropicais tradicionais. Uma vacina universal contra a gripe – isto é, uma vacina que visa as partes imutáveis das proteínas de superfície do vírus – tem sido uma possibilidade durante décadas, mas nunca considerada lucrativa o suficiente para ser uma prioridade.

À medida que a revolução antibiótica for recuando, doenças antigas reaparecerão ao lado de novas infecções e os hospitais se tornarão casas de caridade. Mesmo Trump pode, oportunisticamente, evitar custos absurdos de prescrição, mas precisamos de uma visão mais ousada que pareça quebrar os monopólios dos medicamentos e prover a produção pública de remédios para a vida. (Este costumava ser o caso: durante a Segunda Guerra Mundial, Jonas Salk e outros pesquisadores foram alistados para desenvolver a primeira vacina contra a gripe). Como escrevi há quinze anos no meu livro "O monstro bate à nossa porta: a ameaça global da gripe viária":

> *O acesso a medicamentos, incluindo vacinas, antibióticos e antivirais, deve ser um direito humano, universalmente disponível e sem custos. Se os mercados não podem oferecer incentivos para produzir tais medicamentos a baixo custo, então governos e organizações sem fins lucrativos devem assumir a responsabilidade por sua fabricação e distribuição. A sobrevivência dos pobres deve ser sempre considerada uma prioridade maior do que os lucros da indústria farmacêutica.*

A atual pandemia expande esse argumento: a globalização capitalista parece agora biologicamente insustentável na ausência de uma verdadeira infra-estrutura de saúde pública internacional. Mas tal infra-estrutura nunca existirá enquanto os movimentos populares não quebrarem o poder da indústria farmacêutica e dos cuidados de saúde com fins lucrativos.

Isso requer um projeto socialista independente para a sobrevivência humana que inclua – apesar de ir além – um Segundo New Deal. Desde os dias do Occupy, os progressistas têm colocado com sucesso a luta contra a desigualdade de rendas e riqueza nas primeiras páginas – uma grande conquista. Mas agora os socialistas devem dar o próximo passo e, com as indústrias farmacêuticas e de saúde como alvos imediatos, defender a propriedade social e a democratização do poder econômico.

Devemos também fazer uma avaliação honesta das nossas fraquezas políticas e morais. O desenvolvimento à esquerda de uma nova geração e o retorno da palavra 'socialismo' ao discurso político alegra a todos, mas há um elemento perturbador do comodismo nacional no movimento progressista que é simétrico com o novo nacionalismo. Falamos apenas da classe trabalhadora americana e da história radical da América (talvez esquecendo que Eugene V. Debs foi fundamentalmente um internacionalista).

Ao abordar a pandemia, os socialistas devem encontrar todas as ocasiões para lembrar aos outros a urgência da solidariedade internacional. Concretamente, precisamos agitar nossos amigos progressistas e seus ídolos políticos para exigir um aumento maciço da produção de kits de teste, suprimentos de proteção e medicamentos salva-vidas para distribuição gratuita aos países pobres. Cabe a nós assegurar que a garantia de cuidados de saúde universais e de alta qualidade se torne uma política tanto externa como interna.

POLÍTICA ANTICAPITALISTA EM TEMPOS DE COVID-19

David Harvey

Ao tentar interpretar, compreender e analisar o fluxo diário de notícias, tenho a tendência de localizar o que está acontecendo no contexto de dois modelos distintos, mas intersectantes, de como o capitalismo funciona. O primeiro nível é um mapeamento das contradições internas da circulação e acumulação de capital como fluxos de valor monetário em busca de lucro através dos diferentes "momentos" (como Marx os chama) de produção, realização (consumo), distribuição e reinvestimento. Este é um modelo da economia capitalista como uma espiral de expansão e crescimento sem fim. Torna-se bastante complicado à medida que é elaborado através, por exemplo, das lentes das rivalidades geopolíticas, dos desenvolvimentos geográficos desiguais, das instituições financeiras, das políticas estatais, das reconfigurações tecnológicas e da teia em constante mudança das divisões do trabalho e das relações sociais.

Vejo este modelo, no entanto, inserido num contexto mais amplo de reprodução social (nas famílias e nas comunidades), numa relação metabólica contínua e em constante evolução com a natureza (incluindo a "segunda natureza" da urbanização e do ambiente construído) e todo o tipo de formações culturais, científicas (baseadas no conhecimento), religiosas e sociais contingentes que as populações humanas normalmente criam através do espaço e do tempo. Estes últimos "momentos" incorporam a expressão ativa dos desejos, necessidades e vontades humanas, a ânsia por conhecimento e

significado, e a busca de realização em um contexto de mudanças institucionais, contestações políticas, confrontos ideológicos, perdas, derrotas, frustrações e alienações, tudo isso combinado em um mundo de marcada diversidade geográfica, cultural, social e política. Este segundo modelo constitui, por assim dizer, a minha compreensão de trabalho do capitalismo global como uma formação social distinta, enquanto que o primeiro é sobre as contradições dentro do motor econômico que alimenta esta formação social ao longo de certos caminhos da sua evolução histórica e geográfica.

A ESPIRAL

Quando, em 26 de janeiro de 2020, li pela primeira vez sobre um coronavírus que estava ganhando terreno na China, pensei imediatamente nas repercussões para a dinâmica global da acumulação de capital. Sabia pelos meus estudos do modelo econômico que bloqueios e rupturas na continuidade do fluxo de capital resultariam em desvalorizações e que se as desvalorizações se tornassem generalizadas e profundas isso sinalizaria o início de crises. Eu também estava bem ciente de que a China é a segunda maior economia do mundo e que ela efetivamente salvou o capitalismo global em 2007-8, portanto, qualquer impacto sobre a economia da China teria sérias conseqüências para uma economia global que, de qualquer forma, já estava em péssimas condições. O modelo de acumulação de capital existente já estava, ao que me pareceu, com muitos problemas. Movimentos de protesto estavam ocorrendo em quase todo lugar (de Santiago a Beirute), muitos dos quais estavam focados no fato de que o modelo econômico dominante não dava resultados positivos para grande parcela da população. Este modelo neoliberal assenta cada vez mais no capital fictício e numa vasta expansão na oferta de dinheiro e na criação de dívida. Já enfrenta o problema da insuficiente demanda efetiva para realizar os valores que o capital é capaz de produzir. Como poderia o modelo econômico dominante, com sua legitimidade reduzida e sua saúde delicada, absorver e sobreviver aos impactos inevitáveis do que poderia se tornar uma pandemia? A resposta dependia muito de quanto tempo a ruptura poderia durar e se espalhar, pois, como Marx apontou, a desvalori-

zação não ocorre porque as mercadorias não podem ser vendidas, mas porque não podem ser vendidas a tempo.

Há muito tempo eu tinha recusado a ideia de "natureza" como alheia e separada da cultura, economia e cotidiano. Eu tenho uma visão mais dialética e relacional da ligação metabólica com a natureza. O capital modifica as condições ambientais de sua própria reprodução, mas o faz num contexto de consequências não intencionais (como as mudanças climáticas) e contra as forças evolutivas autônomas e independentes que estão perpetuamente remodelando as condições ambientais. Deste ponto de vista, não existe um verdadeiro desastre natural. Os vírus mudam o tempo todo. Mas as circunstâncias nas quais uma mutação se torna uma ameaça à vida dependem das ações humanas.

Há dois aspectos relevantes nisto. Primeiro, as condições ambientais favoráveis aumentam a probabilidade de mutações fortes. É plausível, por exemplo, esperar que sistemas de fornecimento alimentar intensivos ou abusivos em subtrópicos úmidos possam contribuir para isso. Tais sistemas existem em muitos lugares, incluindo a China ao sul do Yangtse e do Sudeste Asiático. Em segundo lugar, as condições que favorecem a transmissão rápida através dos corpos hospedeiros variam muito. Populações humanas de alta densidade pareceriam alvos fáceis do hospedeiro. É bem conhecido que as epidemias de sarampo, por exemplo, só se manifestam em grandes centros populacionais urbanos, mas desaparecem rapidamente em regiões pouco povoadas. A forma como os seres humanos interagem uns com os outros, se movem, se disciplinam ou se esquecem de lavar as mãos afeta a forma como as doenças são transmitidas. Em tempos recentes a SARS, as gripes aviária e suína parecem ter saído da China ou do sudeste asiático. A China também sofreu muito com a gripe suína no ano passado, o que implicou o abate em massa de suínos e a escalada dos preços da carne de porco. Eu não digo tudo isto para acusar a China. Há muitos outros lugares onde os riscos ambientais de mutação e difusão de vírus são elevados. A gripe espanhola de 1918 pode ter saído do Kansas e a África pode ter incubado o HIV/AIDS, certamente iniciado o Nilo Ocidental e o Ebola, enquanto a dengue parece que floresceu na América Latina.

Mas o impacto econômico e demográfico da disseminação do vírus depende de fissuras e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico.

Não me surpreende que o COVID-19 tenha sido encontrado inicialmente em Wuhan (embora não saibamos se teve sua origem lá). Os efeitos locais seriam substanciais e dado que este era um centro de produção importante, provavelmente haveria repercussões econômicas globais (embora eu não tivesse ideia da magnitude). A grande questão era como o contágio e a difusão poderiam ocorrer e quanto tempo duraria (até que uma vacina pudesse ser encontrada). A experiência anterior tinha mostrado que uma das desvantagens da crescente globalização consiste no fato de ser impossível deter uma rápida difusão internacional de novas doenças. Vivemos em um mundo altamente conectado, onde quase todos viajam. As redes humanas de difusão potencial são vastas e abertas. O perigo (econômico e demográfico) era que a ruptura durasse um ano ou mais.

Embora tenha havido uma desaceleração imediata nos mercados financeiros globais assim que a notícia se espalhou, surpreendentemente, levou apenas um mês ou mais para que estes mercados atingissem novas elevações. As notícias pareciam indicar uma normalidade nos mercados internacionais, exceto na China. Parecia que experimentaríamos uma repetição da SARS que provou ser relativamente fácil de conter e de baixo impacto global, apesar de ser uma doença com elevada taxa de mortalidade e criar, a posteriori, um pânico desnecessário nos mercados financeiros. Quando a COVID-19 apareceu, a reação dominante foi a de apresentá-la como uma repetição da SARS, mostrando que o pânico era novamente desnecessário. O fato de a epidemia ter eclodido na China, que rápida e impiedosamente agiu para conter seus impactos, também levou o resto do mundo a tratar erroneamente o problema como algo que aconteceu apenas "lá" e, portanto, fora do alcance e da mente/consciência (acompanhado de preconceitos xenófobos contra os chineses em certas partes do mundo). O pico que o vírus colocou na história triunfante do crescimento chinês foi recebido com alegria em certos círculos do governo Trump.

Contudo, começaram a circular histórias de suspensões nas ca-

deias de produção globais que passavam por Wuhan. Estas foram largamente ignoradas ou tratadas como problemas para determinadas linhas de produtos ou corporações (como a Apple). As desvalorizações eram locais e particulares, e não sistêmicas. Os sinais de queda da demanda dos consumidores também foram minimizados, embora aquelas corporações, como a McDonald's e a Starbucks, que tinham grandes operações dentro do mercado doméstico chinês, tivessem que fechar suas portas por um tempo. A sobreposição do Ano Novo chinês com o surto do vírus mascarou os impactos ao longo de janeiro. A complacência desta resposta foi muito equivocada.

A notícia inicial da propagação internacional do vírus foi ocasional e episódica, com um surto grave na Coreia do Sul e em alguns outros pontos críticos como o Irã. Foi o surto italiano que provocou a primeira reação violenta. O crash da bolsa de valores que começou em meados de fevereiro oscilou um pouco, mas em meados de março levou a uma desvalorização líquida de quase 30% nas bolsas de valores em todo o mundo.

A escalada exponencial das infecções provocou uma série de respostas frequentemente incoerentes e, por vezes, de pânico. O Presidente Trump fez uma imitação do Rei Canuto diante de uma potencial maré crescente de doenças e mortes. Algumas das respostas são estranhas. Fazer com que a Reserva Federal baixasse as taxas de juros diante de um vírus parecia estranho, mesmo quando se reconhecia que o movimento se destinava a aliviar os impactos do mercado e não conter o progresso do vírus.

As autoridades públicas e os sistemas de saúde foram apanhados em quase todos os lugares com falta de funcionários. Quarenta anos de neoliberalismo na América do Norte e do Sul e na Europa tinham deixado o público totalmente exposto e mal preparado para enfrentar uma crise de saúde pública deste tipo, apesar dos riscos anteriores da SARS e do Ebola terem fornecido abundantes avisos, bem como lições convincentes sobre o que seria necessário fazer. Em muitas partes do suposto mundo "civilizado", governos locais e autoridades regionais/estatais, que invariavelmente formam a linha de frente da defesa em emergências de saúde pública e segurança deste tipo, tinham sido privados de financiamento graças a uma po-

lítica de austeridade destinada a financiar cortes fiscais e subsídios às corporações e aos ricos.

A indústria farmacêutica têm pouco ou nenhum interesse na pesquisa sem fins lucrativos sobre doenças infecciosas (como toda a classe de coronavírus conhecidos desde os anos 60). A indústria farmacêutica raramente investe em prevenção. Tem pouco interesse em investir na preparação para uma crise de saúde pública. Adora desenhar curas. Quanto mais doentes nós estamos, mais eles ganham. A prevenção não contribui para uma valorização dos acionistas. O modelo de negócio aplicado à oferta de saúde pública eliminou a capacidade de resposta que seria necessária em caso de emergência. A prevenção nem sequer era um ramo de trabalho sedutor o suficiente para justificar parcerias público-privadas. O Presidente Trump tinha cortado o orçamento do Centro de Controle de Doenças e dissolveu o grupo de trabalho sobre pandemias no Conselho Nacional de Segurança com o mesmo ânimo que cortou todo o financiamento da pesquisa, inclusive sobre as mudanças climáticas. Se eu quisesse ser antropomórfico e metafórico sobre isso, concluiria que a COVID-19 é a vingança da natureza por mais de quarenta anos de maus-tratos grosseiros e abusivos da natureza sob a tutela de um extrativismo neoliberal violento e desregulado.

Talvez seja sintomático que os países menos neoliberais, China e Coreia do Sul, Taiwan e Singapura, tenham atravessado até agora a pandemia melhor do que a Itália, embora o Irã se baseie neste argumento como um princípio universal. Embora houvesse muitas evidências de que a China lidou bastante mal com a SARS com muitas dissimulações e negações iniciais, desta vez o Presidente Xi Jinping rapidamente passou a exigir transparência tanto nos relatórios como nos testes, tal como a Coreia do Sul. Mesmo assim, perdeu-se um tempo precioso na China (apenas alguns dias fazem toda a diferença). O que foi notável na China, no entanto, foi o confinamento da epidemia à província de Hubei com Wuhan no seu centro. A epidemia não se deslocou para Pequim, nem para o Ocidente, nem para o Sul. As medidas tomadas para confinar geograficamente o vírus foram draconianas. Seria quase impossível replicá-las em outro lugar por razões políticas, econômicas e culturais. Dados chi-

neses sugerem que os tratamentos e as políticas foram tudo, menos cuidadosos. Além disso, a China e Cingapura colocaram seus poderes de vigilância pessoal em níveis invasivos e autoritários. Mas eles parecem ter sido extremamente eficazes em conjunto, embora se as ações contrárias tivessem sido iniciadas apenas alguns dias antes, os modelos sugerem que muitas mortes poderiam ter sido evitadas. Esta é uma informação importante: em qualquer processo de crescimento exponencial há um ponto de inflexão além do qual a massa em ascensão fica totalmente fora de controle (note aqui, mais uma vez, o significado da massa em relação à taxa). O fato de o Trump ter demorado durante tantas semanas pode ainda revelar-se dispendioso em vidas humanas.

Os efeitos econômicos estão agora fora de controle, tanto dentro da China como fora dela. As rupturas que funcionam através das cadeias de valor das corporações e em certos setores revelaram-se mais sistêmicas e substanciais do que se pensava originalmente. O efeito a longo prazo pode ser o de encurtar ou diversificar as cadeias de abastecimento, ao mesmo tempo em que se avança para formas de produção menos intensivas em mão-de-obra (com enormes implicações para o emprego) e uma maior dependência de sistemas de produção artificial-inteligentes. A ruptura das cadeias produtivas implica demissões ou corte de trabalhadores, o que diminui a procura final, enquanto a procura de matérias-primas diminui o consumo produtivo. Estes impactos sobre a procura teriam, por si só, produzido pelo menos uma ligeira recessão.

Mas as maiores vulnerabilidades existem em outros lugares. Os modos de consumismo que explodiram depois de 2007-8 caíram com consequências devastadoras. Estes modos foram baseados na redução do tempo de rotação do consumo o mais próximo possível de zero. A torrente de investimentos em tais formas de consumismo teve tudo a ver com a máxima absorção de volumes de capital exponencialmente crescentes em formas de consumismo que tiveram o menor tempo de rotatividade possível. O turismo internacional era emblemático. As visitas internacionais aumentaram de 800 milhões para 1,4 bilhões entre 2010 e 2018. Esta forma de consumismo instantâneo exigiu investimentos maciços em infra-estruturas

de aeroportos e companhias aéreas, hotéis e restaurantes, parques temáticos e eventos culturais, etc. Este local de acumulação de capital está morto: as companhias aéreas estão perto da falência, os hotéis estão vazios e o desemprego em massa no setor hoteleiro é iminente. Comer fora não é uma boa ideia e os restaurantes e bares fecharam em muitos lugares. Até mesmo entregas a domicílio parece arriscado. O vasto exército de trabalhadores uberizados ou em outras formas de trabalho precário está sendo dispensado sem nenhum meio visível de apoio. Eventos como festivais culturais, torneios de futebol e basquete, concertos, convenções empresariais e profissionais, e até reuniões políticas em torno de eleições foram cancelados. Estas formas de "consumismo experiencial baseado em eventos" foram extintas. A renda dos governos locais foi devastada. Universidades e escolas estão fechando.

Grande parte do modelo de vanguarda do consumismo capitalista contemporâneo é inoperante nas condições atuais. O impulso em direção ao que André Gorz descreve como "consumismo compensatório" (no qual os trabalhadores alienados devem recuperar o ânimo através de um pacote de férias em uma praia tropical) foi interrompido.

Mas as economias capitalistas contemporâneas são 70 ou mesmo 80% impulsionadas pelo consumismo. A confiança e o sentimento dos consumidores tornou-se, nos últimos quarenta anos, a chave para a mobilização de uma demanda efetiva e o capital tornou-se cada vez mais orientado pela procura e pelas necessidades. Esta fonte de energia econômica não tem estado sujeita a flutuações bruscas (com algumas exceções, como a erupção vulcânica islandesa que bloqueou os vôos transatlânticos por algumas semanas). Mas a COVID-19 não fundamenta uma flutuação brusca, e sim uma queda generalizada no coração da forma de consumismo que domina nos países mais ricos. A forma espiral de acumulação interminável de capital está implodindo, de uma parte do mundo para todas as outras. A única coisa que pode salvá-lo é um consumismo de massa financiado, inventado e incentivado pelo governo, surgido do nada. Isto exigirá a socialização de toda a economia dos Estados Unidos, por exemplo, sem chamar-lhe de socialismo.

AS LINHAS DE FRENTE

Há um mito conveniente de que as doenças infecciosas não reconhecem classe ou outras barreiras e limites sociais. Como muitos desses ditados, há uma certa verdade nisto. Na epidemia de cólera do século XIX, a transcendência das barreiras de classe foi suficientemente dramática para gerar o nascimento de um movimento público de saneamento e saúde (que se profissionalizou) que perdura até hoje. Se esse movimento foi concebido para proteger a todos ou apenas as classes altas nem sempre era claro. Mas hoje as diferenças de classe e os efeitos e impactos sociais contam uma história diferente. Os impactos econômicos e sociais são filtrados através de discriminações "costumeiras" que estão evidentes em todos os lugares. Para começar, a força de trabalho que se espera que cuide dos números crescentes de doentes é tipicamente altamente sexista, racializada e etnizada na maioria das partes do mundo. Ela reflete a força de trabalho baseada na classe que se encontra, por exemplo, em aeroportos e outros setores logísticos.

Esta "nova classe trabalhadora" está na vanguarda e suporta o peso de ser a força de trabalho que corre maior risco de contrair o vírus através de seus empregos ou de ser demitida injustamente por causa da retração econômica imposta pelo vírus. Há, por exemplo, a questão de quem pode e quem não pode trabalhar em casa. Isto agrava a divisão social, assim como a questão de quem pode se isolar ou ficar em quarentena (com ou sem remuneração) em caso de contato ou infecção. Exatamente da mesma forma que aprendi a chamar os terremotos da Nicarágua (1973) e da Cidade do México (1995) de "terremotos de classe", assim o progresso da COVID-19 exibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça. Embora os esforços de mitigação estejam convenientemente camuflados na retórica de que "estamos todos juntos nisto", as práticas, particularmente por parte dos governos nacionais, sugerem motivações mais sinistras. A classe trabalhadora contemporânea nos Estados Unidos (composta predominantemente por afro-americanos, latinos e mulheres assalariadas) enfrenta a desagradável escolha da contaminação em nome do cuidado e da manutenção de elementos-chave de provisão (como supermercados) abertos ou do desemprego sem benefícios (como cuidados de saúde

adequados). Assalariados (como eu) trabalham em casa e recebem seu pagamento como antes, enquanto os CEOs voam em jatos e helicópteros particulares.

As forças de trabalho na maioria das partes do mundo há muito que foram socializadas para se comportarem como bons sujeitos neoliberais (o que significa culpar a si mesmos ou a Deus se algo de ruim acontecer, mas nunca ousar sugerir que o capitalismo pode ser o problema). Mas mesmo os bons sujeitos neoliberais podem ver que há algo errado com a forma como esta pandemia está sendo enfrentada.

A grande questão é: quanto tempo isto vai durar? Pode ser mais de um ano e quanto mais tempo durar, mais desvalorização, inclusive da força de trabalho. Os níveis de desemprego subirão, seguramente, para níveis comparáveis aos da década de 1930, na ausência de intervenções estatais maciças que terão de ir contra o neoliberalismo. As ramificações imediatas para a economia, bem como para a vida social diária, são múltiplas. Mas nem todas são más. Na medida em que o consumismo contemporâneo estava se tornando excessivo, ele estava se aproximando do que Marx descreveu como "consumo excessivo e insano, significando, por sua vez, a monstruosa e bizarra queda" de todo o sistema. A imprudência desse superconsumo teve um papel importante na degradação ambiental. O cancelamento dos voos e a restrição radical do transporte e da circulação tem tido consequências positivas no que diz respeito às emissões de gases com efeito de estufa. A qualidade do ar em Wuhan melhorou muito, como também em muitas cidades dos EUA. Os locais voltados ao ecoturismo terão tempo para se recuperar dos pisoteados. Os cisnes voltaram para os canais de Veneza. Na medida em que o gosto pelo consumo excessivo imprudente e sem sentido é refreado, pode haver alguns benefícios a longo prazo. Menos mortes no Monte Everest poderiam ser uma coisa boa. E embora ninguém o diga em voz alta, a tendência demográfica do vírus pode acabar afetando pirâmides etárias com efeitos a longo prazo sobre os encargos da Previdência Social e o futuro da "indústria de cuidados". A vida quotidiana vai abrandar e, para algumas pessoas, isso será uma bênção. As regras sugeridas de distanciamento social podem, se a emergência con-

tinuar por tempo suficiente, levar a mudanças culturais. A única forma de consumismo que quase certamente beneficiará é o que eu chamo de economia "Netflix", que de qualquer forma se destina aos espectadores compulsivos.

Na frente econômica, as respostas têm sido condicionadas pela forma de êxodo do crash de 2007-8. Isto implicou uma política monetária extremamente flexível, aliada ao socorro aos bancos, complementada por um aumento dramático do consumo produtivo através de uma expansão maciça dos investimentos infraestruturais na China. Este último não pode ser repetido na escala necessária. Os pacotes de ajuda criados em 2008 concentraram-se nos bancos, mas também implicaram a nacionalização da General Motors. Talvez seja significativo que, diante do descontentamento dos trabalhadores e do colapso da demanda do mercado, as três grandes empresas automobilísticas de Detroit estejam fechando, pelo menos temporariamente.

Se a China não pode repetir seu papel de 2007-8, então o fardo da saída da atual crise econômica se desloca para os Estados Unidos e aqui está a ironia final: as únicas políticas que funcionarão, tanto econômica quanto politicamente, são muito mais socialistas do que qualquer coisa que Bernie Sanders possa propor e esses programas de resgate terão de ser iniciados sob a égide de Donald Trump, presumivelmente sob a máscara do "*Make America Great Again*".

Todos aqueles republicanos que tão visceralmente se opuseram ao resgate de 2008 terão que engolir sapos ou desafiar Donald Trump. Este último, se for sábio, cancelará as eleições em caráter de emergência e declarará a necessidade de uma presidência imperial para salvar o capital e o mundo do "motim e da revolução".

FRANÇA: PELA SOCIALIZAÇÃO DO APARATO DE SAÚDE

Alain Bihr

A situação criada pela pandemia de Covid-19 é uma demonstração real e irrefutável da falência da tese defendida durante décadas pelos defensores da abertura do sistema de saúde. O seu postulado básico: todos têm um "capital de saúde" do qual são o principal, se não o único, responsável (cabe a eles preservá-lo e, melhor ainda, valorizá-lo – melhorá-lo), tem sido desmentido nas últimas semanas numa escala planetária [1].

Tanto a propagação do vírus responsável por esta pandemia como as medidas desigualmente eficazes tomadas pelos Estados para proteger as suas populações provam, se necessário, que a saúde é, antes de mais nada, um bem público: que o estado saudável ou mórbido do corpo de cada pessoa depende em primeiro lugar do estado saudável ou mórbido do corpo social, do qual o primeiro é dependente ou um simples apêndice, e da capacidade ou não do referido corpo social se defender, por si ou através das suas instituições políticas, contra fatores patogênicos, em particular desenvolvendo um sistema de assistência social eficiente e uma política de saúde pública que proporcione ao segundo os meios necessários e suficientes (humanos, materiais, financeiros).

Eu objetaria que a situação criada por esta pandemia é verdadeiramente excepcional e que, portanto, seria errado ou pelo menos aventureiro tentar tirar conclusões gerais a partir dela. Mas o argumento

pode ser facilmente revertido. Pelo seu caráter extraordinário, pelo fato de ser um fator patogênico que ameaça rápida e maciçamente toda a população, a excepção pode, pelo contrário, confirmar a regra no sentido mais elementar do termo: fazê-la aparecer enquanto que as condições normais tendem, pelo contrário, a escondê-la. O que esta pandemia nos lembra, mais do que nos ensina, é o que muitos outros estudos epidemiológicos anteriores nos ensinaram nas décadas anteriores, e que foram negligenciados por aqueles que a deveriam ter levado em conta em primeiro lugar, os irresponsáveis que nos governam: o tributo pago anualmente pelos trabalhadores devido as condições de trabalho perigosas, insalubres e desgastantes, por doenças crônicas ou graves e anos de expectativa de vida [2]; o tributo pago não menos regularmente pelas populações humanas, particularmente urbanas, devido a múltiplas formas de poluição (ar, água, etc.), geradas pelo produtivismo capitalista [3]; o terrível recorde de décadas de junk food, pelo qual a indústria agro-alimentar capitalista também é responsável [4]; e assim por diante.

E nos lembra da mesma forma – mais uma vez, nada de novo – o que os funcionários do hospital da França, lutando ao longo do ano passado, têm dito repetidamente: que o hospital público é vítima de políticas de estrangulamento financeiro, tornando-o cada vez menos capaz de cumprir as suas tarefas de acolhimento e cuidado dos pacientes; mas que também é vítima de uma medicina liberal da cidade que, em grande parte, vira as costas à sua missão, enviando pacientes para o hospital público que inicialmente estavam sob seus cuidados; enquanto as clínicas privadas prosperam com os excessos de taxas que selecionam uma "clientela" que evita a dupla armadilha anterior. Tanto que, quando o choque de uma pandemia atinge, é todo este sistema, deliberadamente dilapidado, que se revela incapaz de lidar com a situação, forçando os prestadores de cuidados a separar os pacientes de acordo com a sua expectativa de sobrevivência... e idade. Como os cirurgiões fazem em tempo de guerra nos hospitais de campanha, na retaguarda da linha da frente!

O postulado acima mencionado tem sido usado como garantia e justificação de todas estas políticas. Com base na ideia de que cabe a cada pessoa, antes de mais nada, cuidar do seu "capital de

saúde", assumindo a responsabilidade (por exemplo, "escolhendo" se deve ou não controlar o seu estilo de vida) e contratando um seguro (subscrevendo um seguro de saúde privado de acordo com as suas "escolhas"): É lógico reduzir urgentemente os seguros de saúde públicos, deixar o campo aberto às seguradoras privadas ou mutuais, garantindo que sejam devidamente colocadas numa situação de "concorrência livre e sem distorções", e dar preferência às clínicas privadas em detrimento dos hospitais públicos, abrindo assim, duplamente, novos campos para o desenvolvimento do capital. Pois a abertura da oferta deve andar a par com a abertura da procura, como é necessário numa "economia de mercado".

E é esta mesma premissa que os governos devem agora abandonar, decretando medidas mais ou menos drásticas para conter a população, numa tentativa de deter a propagação da pandemia e evitar o colapso dos serviços hospitalares, cujas capacidades operacionais eles próprios reduziram. Este é o fim da exaltação implícita da liberdade de escolha de cada indivíduo quanto à sua estratégia para desenvolver o seu capital de saúde! Ao confinar cada um nas suas próprias casas e, consequentemente, ao restringir a sua liberdade de circulação, bem como todas as liberdades públicas em geral, estas autoridades reconhecem implicitamente que a saúde é, acima de tudo, um bem público que precisa de ser preservado como tal. Só que agora não há outra forma de defendê-la senão pondo em risco as nossas liberdades, sem nos proteger do perigo potencialmente fatal desta pandemia.

Mas o fracasso prático das políticas neoliberais de saúde não devem apenas dar-nos a oportunidade de denunciar a falência dos seus fundamentos ideológicos. Abre uma brecha que nós (as forças anti-capitalistas, associativas, sindicais e políticas) aproveitemos, denunciando a responsabilidade dos governantes, presentes e passados, que conduziram essas políticas que nos levaram ao desastre atual, do qual a população que está pagando o preço está cada vez mais claramente consciente. Invertendo o postulado destas políticas, defendendo a ideia de que a saúde é, antes de tudo, um bem público e que, portanto, deve ser da atribuição dos poderes públicos, podemos pensar em propor, no que diz respeito à França:

- a revogação imediata do pedido de poupança de 800 milhões de euros no orçamento hospitalar para o ano 2020;

- a suspensão imediata do encerramento dos estabelecimentos hospitalares, dos serviços dentro dos estabelecimentos e da demissão de funcionários e leitos dentro destes serviços, conforme previsto pelas agências regionais de saúde (ARS);

- a interrupção imediata do financiamento dos estabelecimentos através de taxas de serviço e o restabelecimento do financiamento com base num orçamento global compatível com as necessidades avaliadas pela equipe médica;

- a adoção de um plano de emergência para enfrentar a pandemia, envolvendo particularmente a contratação trabalhadores da saúde e uma reavaliação de seus salários, juntamente com a adoção de um programa plurianual de reequipamento e modernização dos estabelecimentos e o recrutamento de pessoal (médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, motoristas de ambulância, maqueiros, etc.), tudo com base nas demandas destes trabalhadores e de seus sindicatos;

- Financiamento de todas estas medidas urgentes através de um imposto de solidariedade excepcional sobre grandes fortunas;

- a requisição de todas as clínicas privadas, seu pessoal e equipamento, para lidar com emergências na luta contra o Covid-19 ;

o cancelamento de todas as medidas de isenção de contribuições para a segurança social a cargo dos empregadores; um aumento dessas mesmas contribuições para todos os ramos e todos os estabelecimentos que representem riscos para a saúde dos seus empregados e populações vizinhas;

o cancelamento de medidas anteriores de “desreembolso” de medicamentos e o restante a ser pago pelos pacientes (terceiros que pagam para os pacientes);

- a reorganização da medicina urbana em torno dos centros de saúde locais, reunindo especialistas, clínicos gerais, dentistas e profissões vinculadas;

- a obrigação de todo o corpo médico, no final dos seus estudos,

trabalhar durante um determinado período de tempo nestes centros de saúde, em troca da cobertura pelo Ministério da Saúde dos custos de todos ou parte dos seus estudos;

- uma séria atualização dos recursos (financeiros, materiais, pessoal) de todas as organizações públicas de pesquisa em saúde na forma de um plano plurianual; autonomia completa para os pesquisadores na definição de programas prioritários de pesquisa;

- a nacionalização dos principais grupos farmacêuticos, que demonstraram amplamente, nesta ocasião como em outras, a inadequação de seus programas de pesquisa e desenvolvimento em termos de prioridades de saúde pública; e a abolição do sistema de patentes médicas, de modo a colocar os avanços da pesquisa o mais rápido possível a serviço do maior número possível de pessoas.

Estas são apenas algumas propostas que podem ser apresentadas no debate que deve acompanhar as mobilizações contra a execução de políticas neoliberais de saúde. Depois do movimento dos Coletes Amarelos e da luta dos trabalhadores da saúde, ambos ainda em curso, e no decurso do qual algumas destas propostas já foram apresentadas, a situação atual oferece-nos uma nova oportunidade de fazer ouvir a nossa voz e de impor exigências em nome da maioria da população. Devemos fazer ouvir a nossa voz para que o governo não aproveite a atual desordem para esconder as suas responsabilidades e continuar pelo mesmo caminho, uma vez superada a atual crise da saúde. A que custo?

NOTAS:

1] Este postulado, parte integrante de uma concepção individualista do mundo social (cuja máxima poderia ser: “a sociedade é apenas uma soma de indivíduos”), está mais amplamente no cerne de todas as políticas neoliberais. Está, por exemplo, no cerne do desmantelamento em curso dos sistemas de pensões que consiste, precisamente, na instituição de uma “conta de pontos individuais”. Quanto à noção de capital de saúde, ela é apenas uma variação da noção mais geral de “capital humano” desenvolvida por Gary Becker. Para sua crítica, refiro-me ao artigo dedicado a ele em *La novlangue néolibéra-*

le, Página 2 e *Syllepse,* 2017.

2] Cf. os resultados do último inquérito sobre as condições de trabalho na Europa: https://www.eurofound.europa.eu/fr/surveys/european-working-conditions-surveys/sixth-european-working-conditions-survey-2015.

3] "A poluição do ar pode ser duas vezes mais mortal do que se pensava anteriormente. Um estudo publicado na terça-feira 12 de Março [2019] concluiu que o juiz responsável por 8,8 milhões de mortes prematuras por ano em todo o mundo, incluindo 6.000 em França. "https://www.francetvinfo.fr/sante/environnement-et-sante/pollution-de-l-air-une-nouvelle-etude-revoit-le-nombre-de-morts-a-la-hausse_3229709.html consultado a 14 de Março de 2020.

4] Segundo o Inserm (Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica), 17% (um sexto) dos adultos que vivem em França são obesos. https://www.inserm.fr/information-en-sante/dossiers-information/obesite consultado em 14 de março de 2020.

CORONAVÍRUS: A MILITARIZAÇÃO DAS CRISES

Raúl Zibechi

É necessário voltar aos períodos do nazismo e do estalinismo, há quase um século, para encontrar exemplos de controle de população tão extenso e intenso como os que acontecem na China, nesses dias, com a desculpa do coronavírus. Um gigantesco panóptico militar e sanitário, que limita a população a viver trancada e sob permanente vigilância.

As imagens que nos chegam sobre a vida cotidiana em amplas áreas da China, não apenas na cidade de Wuhan e na província de Hubei, onde vivem 60 milhões, dão a impressão de um enorme campo de concentração a céu aberto pela imposição de quarentena a todos os seus habitantes.

Cidades desertas, onde transita apenas gente da segurança e da saúde. Mede-se a temperatura de todas as pessoas na entrada de supermercados, centros comerciais e conjuntos residenciais. Se há membros da família em quarentena, apenas um membro tem o direito de sair, a cada dois dias, para comprar mantimentos.

Em algumas cidades, aqueles que não usam máscaras podem acabar na prisão. Estimula-se o uso de luvas descartáveis e lápis para pressionar os botões do elevador. As cidades da China parecem lugares fantasmas, a ponto de que em Wuhan você quase não encontra pessoas nas ruas.

É necessário insistir em que o medo está circulando em maior velocidade que o coronavírus e que, ao contrário do que se faz crer, o principal assassino na história da humanidade foi e é a desnutrição, como destaca uma imprescindível entrevista no portal *Comune-info*. O habitual na história foi colocar em quarentena pessoas infectadas, mas nunca se isolou deste modo a milhões de pessoas saudáveis. O médico e professor do Instituto de Saúde Global, da *University College London*, Vageesh Jain, questiona: Justifica-se uma resposta tão drástica? O que acontece com os direitos das pessoas saudáveis?

Segundo a Organização Mundial da Saúde, cada infectado com o coronavírus pode contagiar mais dois, ao passo que o sarampo contagia de 12 a 18 pessoas. Por isso, Jain afirma que mais de 99,9% dos habitantes da província de Hubei não estão infectados e que a grande maioria da população presa na região não está mal e é pouco provável que se infecte.

O boletim 142 do Laboratório Europeu de Antecipação Política (LEAP) reflete: A China desencadeou um plano de ação de emergência de magnitude sem precedentes, após somente 40 mortes em uma população de 1,2 bilhão de pessoas, sabendo que a gripe mata 3.000 pessoas na França todos os anos. Em 2019, a gripe matou 40.000 pessoas nos Estados Unidos. O sarampo mata 100.000 pessoas todos os anos e o influenza (gripe) meio milhão no mundo.

O LEAP argumenta que estamos enfrentando um novo modelo de gestão de crises, que conta com a aprovação do Ocidente. A Itália seguiu esse caminho ao isolar 10 povoados com 50.000 habitantes, quando havia apenas 16 pessoas com coronavírus.

A China exerce um sofisticado controle da população, desde a videovigilância, com 400 milhões de câmeras nas ruas, até o sistema de pontos de crédito social que regula o comportamento dos cidadãos. Agora, o controle se multiplica, incluindo a vigilância territorial com brigadas de moradores voluntários em cada bairro.

Gostaria de entrar em várias considerações, não do ponto de vista da saúde, mas daquele que deixa o manejo dessa epidemia aos movimentos antissistêmicos.

A primeira é que sendo a China o futuro hegemon global, as prá-

ticas do Estado em relação à população revelam o tipo de sociedade que as elites desejam construir e propõem ao mundo. As formas de controle que a China exerce são extremamente úteis às classes dominantes de todo o planeta, para manter os de baixo na linha, em períodos de profundas convulsões econômicas, sociais e políticas, de crise terminal do capitalismo.

A segunda é que as elites estão usando a epidemia como um laboratório de engenharia social, com a finalidade de estreitar o cerco sobre a população com uma dupla malha, em escala macro e micro, combinando um controle minucioso em escala local com outro geral e extenso, como a censura na Internet e a videovigilância.

Considero que estamos diante de um ensaio que será aplicado em situações críticas, como desastres naturais, tsunamis e terremotos, mas, sobretudo, diante das grandes convulsões sociais capazes de provocar devastadoras crises políticas para os de cima. Em suma, eles se preparam para eventuais desafios à sua dominação.

A terceira é que as pessoas ainda não sabem como enfrentaremos esses poderosos mecanismos de controle de grandes populações, que se combinam com a militarização das sociedades, diante de revoltas e levantes, como está acontecendo no Equador.

SOBRE A SITUAÇÃO EPIDÊMICA

Alain Badiou

Desde o início, pensei que a situação atual, caracterizada por uma pandemia viral, não era particularmente excepcional. Desde a pandemia (viral) da AIDS, passando pela gripe aviária, o vírus Ebola e o vírus SARS-1 – para não falar de várias gripes, do aparecimento de alguns tipos de tuberculose que os antibióticos já não conseguem curar, ou mesmo do retorno do sarampo – sabemos que o mercado mundial, combinado com a existência de vastas zonas sub-medicalizadas e a falta de disciplina global no que diz respeito às vacinas necessárias, produz inevitavelmente epidemias graves e devastadoras (no caso da AIDS, vários milhões de mortes). Além da situação pandêmica atual estar causando um enorme impacto no tão confortável mundo ocidental – um fato por si só desprovido de qualquer significado novo, provocando em vez disso lamentos duvidosos e tolices revoltantes nas redes sociais – não percebi porque, além das óbvias medidas de proteção e do tempo que o vírus levaria para desaparecer na ausência de novos alvos, era necessário subir no pedestal.

Além disso, o verdadeiro nome da epidemia em curso deve sugerir que, num certo sentido, estamos a lidar com "nada de novo sob o sol contemporâneo". Seu nome é SARS-2, ou seja "Síndrome Respiratória Aguda Grave – 2", um nome que assinala a "segunda vez" desta identificação, após a epidemia da SARS-1, que se espalhou por todo o mundo na Primavera de 2003. Na época, foi chamada de "a primeira doença desconhecida do século XXI". Fica claro

que a epidemia atual não é de forma alguma o surgimento de algo radicalmente novo ou sem precedentes. É a segunda do seu gênero neste século e pode ser considerada como descendente da primeira. Tanto é assim que a única crítica séria que hoje pode ser dirigida às autoridades em termos de previsão é não terem financiado, depois da SARS-1, a investigação que teria disponibilizado ao mundo da medicina verdadeiros instrumentos de ação contra a SARS-2.

Portanto, não pensei que houvesse nada a fazer além de tentar, como todos, isolar-me em casa, e nada a dizer além de encorajar todos os outros a fazer o mesmo. Aderir a uma disciplina rigorosa sobre este ponto é ainda mais necessário, na medida em que oferece apoio e proteção fundamental a todos aqueles que estão mais expostos: todos os profissionais de saúde, é claro, que estão diretamente no front, e que devem poder contar com uma disciplina firme, inclusive por parte dos infectados; mas também todos os mais frágeis, como os idosos, especialmente os que estão em asilos; assim como todos aqueles que precisam trabalhar e correr o risco de contágio. A disciplina daqueles que podem obedecer ao imperativo "fiquem em casa" também deve encontrar e propor meios para aqueles que mal têm um "lar" ou nenhum, para que possam, mesmo assim, encontrar um abrigo seguro. Pode-se prever, neste caso, um ordenamento geral de hotéis.

É certo que estes deveres são cada vez mais urgentes mas, pelo menos no exame inicial, não exigem grandes esforços analíticos nem a constituição de uma nova forma de pensar.

Mas estou lendo e ouvindo muitas coisas, inclusive em meus círculos imediatos, que me desconcertam tanto pela confusão que manifestam como pela sua total inadequação à situação – fundamentalmente simples – em que nos encontramos.

Estas declarações peremptórias, apelos patéticos e acusações enfáticas assumem diferentes formas, mas todas elas partilham um curioso desprezo pela formidável simplicidade, e a ausência de novidade, da atual situação epidêmica. Alguns são desnecessariamente servis ante os poderes constituídos, que na verdade estão simplesmente fazendo aquilo a que são obrigados pela natureza do fenômeno. Outros invocam o planeta e a sua mística, o que não

traz nenhum benefício. Alguns culpam tudo ao infeliz Macron, que simplesmente está fazendo, e não pior que outro, seu trabalho como chefe de estado em tempos de guerra ou epidemia. Outros atribuem cores e lamentos ao acontecimento fundador de uma revolução sem precedentes, cuja relação com o extermínio de um vírus permanece opaca – algo para o qual nossos "revolucionários" não estão propondo quaisquer novos meios. Alguns afundam no pessimismo apocalíptico. Outros sentem-se frustrados pelo fato do "eu primeiro", a regra de ouro da ideologia contemporânea, neste caso, não oferece nenhum auxílio e pode até aparecer como cúmplice de um prolongamento indefinido do mal.

Parece que o desafio da epidemia está em toda parte dissipando a atividade intrínseca da Razão, obrigando os sujeitos a retornar àqueles efeitos lamentáveis – misticismo, fabulação, oração, profecia e maldição – que eram habituais na Idade Média quando a peste varreu a terra. Como resultado, sinto-me de certa forma compelido a reunir algumas ideias simples. Eu as chamaria de cartesianas, com muito prazer.

Comecemos então por definir o problema, que tem sido tão pobremente definido e, portanto, tão pobremente tratado em outros aspectos. Uma epidemia se torna complexa pelo fato de ser sempre um ponto de articulação entre as determinações naturais e sociais. Sua análise completa é transversal: é preciso compreender os pontos em que as duas determinações se interceptam e tirar conclusões.

Por exemplo, o ponto de partida da atual epidemia encontra-se muito provavelmente nos mercados da província de Wuhan. Os mercados chineses são conhecidos pela sua perigosa sujeira e por sua tendência irreprimível para venda ao ar livre de todos os tipos de animais vivos, empilhados uns sobre os outros. Daí o fato de, num determinado momento, o vírus se encontrar presente, sob a forma animal herdada dos morcegos, num meio popular muito denso, em condições rudimentares de higiene.

A trajetória natural do vírus de uma espécie para outra transita pela espécie humana. Como exatamente? Ainda não sabemos, e só os estudos científicos nos dirão. Vamos, de passagem, condenar todos aqueles que difundem fábulas tipicamente racistas, apoiadas por

imagens falsas, segundo as quais tudo deriva do fato de os chineses comerem morcegos quando ainda estão quase vivos...

Este trânsito local entre espécies animais que eventualmente chega ao ser humano é o ponto de origem da questão. Depois disso, há simplesmente um dado fundamental do mundo contemporâneo: a ascensão do capitalismo de estado chinês à posição imperial, ou seja, uma presença intensa e universal no mercado mundial. Surgiram inúmeras redes de difusão, evidentemente antes de o governo chinês conseguir isolar completamente o ponto de origem, ou seja, uma província inteira com 40 milhões de habitantes – algo que acabou por conseguir fazer, mas muito tarde para impedir a epidemia de partir pelos caminhos – e os aviões, e os navios – da existência global.

Considere um detalhe revelador do que eu chamo a dupla articulação de uma epidemia: hoje, a SARS-2 foi freada em Wuhan, mas há muitos casos em Xangai, principalmente devido a pessoas, geralmente de nacionalidade chinesa, vindas do estrangeiro. A China é assim um local onde se pode observar a ligação – primeiro por uma razão arcaica, depois moderna – entre uma confluência entre a natureza e a sociedade em mercados mal conservados que seguiam costumes mais antigos, por um lado, e uma difusão planetária deste ponto de origem transportado pelo mercado mundial capitalista e a sua dependência de uma mobilidade rápida e incessante, por outro.

Depois disso, entramos no estágio em que os Estados tentam frear localmente essa difusão. Observemos de passagem que esta determinação permanece fundamentalmente local, enquanto que a epidemia é, ao invés disso, transversal. Apesar da existência de algumas autoridades transnacionais, é evidente que são os Estados burgueses locais que estão na linha da frente.

Tocamos aqui numa grande contradição do mundo contemporâneo. A economia, incluindo o processo de produção em massa de objetos manufaturados, está sob a égide do mercado mundial – sabemos que a simples montagem de um telefone celular mobiliza trabalho e recursos, inclusive minerais, em pelo menos sete Estados diferentes. No entanto, os poderes políticos permanecem essencialmente nacionais. E a rivalidade entre imperialismos, antigos (Europa e EUA) e novos (China, Japão...) exclui qualquer processo que

conduza a um Estado mundial capitalista. A epidemia é também um momento em que a contradição entre economia e política se torna flagrante. Mesmo os países europeus não estão conseguindo ajustar prontamente suas políticas diante do vírus.

Presa a essa contradição, os Estados nacionais tentam enfrentar a situação epidêmica respeitando o máximo possível os mecanismos do Capital, ainda que a natureza do risco os obrigue a modificar o estilo e as ações do poder.

Sabemos há muito tempo que, em caso de guerra entre países, o Estado deve impor, não só às massas populares, como é de esperar, mas à própria burguesia, constrangimentos consideráveis, tudo para salvar o capitalismo local. Algumas indústrias são quase nacionalizadas em nome de uma produção desenfreada de armamentos que não gera imediatamente qualquer mais-valia monetizável. Muitos dos burgueses são mobilizados como oficiais e expostos à morte. Os cientistas trabalham noite e dia para inventar novas armas. Numerosos intelectuais e artistas são compelidos a fornecer propaganda nacional, etc.

Face a uma epidemia, este tipo de reflexo estatista é inevitável. É por isso que, ao contrário do que alguns dizem, as declarações de Macron ou do primeiro-ministro Edouard Philippe sobre o regresso do Estado 'assistencialista', os gastos para apoiar as pessoas desempregadas, ou para ajudar os trabalhadores autônomos cujas lojas foram fechadas, exigindo 100 ou 200 bilhões dos cofres do Estado, e até mesmo o anúncio de 'nacionalizações' – nada disso é surpreendente ou paradoxal. Segue-se que a metáfora de Macron, "estamos em guerra", é correta: na guerra ou na epidemia, o Estado é obrigado, por vezes transgredindo a rotina normal de sua natureza de classe, a empreender práticas mais autoritárias e, ao mesmo tempo, mais genericamente dirigidas, a fim de evitar uma catástrofe estratégica.

Esta é uma consequência inteiramente lógica da situação, cujo objectivo é frear a epidemia – vencer a guerra, pedindo emprestada novamente a metáfora de Macron – com a maior segurança possível, permanecendo dentro da ordem social estabelecida. Esta não é uma questão risível, é uma necessidade imposta pela difusão de um processo letal que intersecta a natureza (onde se destaca o papel

dos cientistas no assunto) e a ordem social (onde a intervenção autoritária, que não poderia ser de outra forma, do Estado).

Que algumas enormes lacunas apareçam no meio deste esforço é inevitável. Considere a falta de máscaras de proteção ou o despreparo em termos da duração do isolamento hospitalar. Mas quem pode realmente gabar-se de ter "previsto" este tipo de coisa? Em certos aspectos, o Estado não impediu a situação atual, é verdade. Podemos até dizer que ao enfraquecer, década após década, o sistema nacional de saúde, juntamente com todos os setores do Estado que atendem ao interesse geral, agiram como se nada semelhante a uma pandemia devastadora pudesse afetar o nosso país. Nesta medida, o Estado é muito culpável, não só na sua aparência de Macron, mas na de todos os que o precederam durante pelo menos os últimos trinta anos.

Mas é, no entanto, correto notar aqui que ninguém tinha previsto, ou mesmo imaginado, a emergência de uma pandemia deste tipo na França, à exceção, talvez, de alguns cientistas isolados. Muitos provavelmente pensavam que este tipo de coisa era boa para a África negra ou para a China totalitária, mas não para a Europa democrática. E certamente não são os esquerdistas – ou gilets jaunes ou mesmo os sindicalistas – que gozam de um direito particular de se manterem neste assunto, e de continuarem a fazer alarido sobre Macron, o seu alvo irrisório durante os últimos tempos. Eles também não tinham previsto isto. Pelo contrário, como a epidemia já estava chegando da China, eles multiplicaram, até muito recentemente, assembleias descontroladas e manifestações ruidosas, o que deveria desqualificá-los hoje, sejam eles quem forem, de denunciar em alto e bom som os atrasos das potências em tomar as medidas necessárias para o que estava acontecendo. Verdade seja dita, nenhuma força política na França tomou realmente esta medida perante o Estado Macroniano.

Por parte deste Estado, a situação é do tipo em que o Estado burguês deve explicitamente, publicamente, fazer prevalecer interesses que são, em certo sentido, mais gerais do que os da burguesia sozinha, preservando estrategicamente, no futuro, o primado dos interesses de classe dos quais este Estado representa a forma geral.

Em outras palavras, a conjuntura obriga o Estado a gerir a situação integrando o interesse da classe cuja qual representa com interesses mais gerais, por causa da existência interna de um "inimigo" que é em si mesmo geral – em tempos de guerra este pode ser um invasor estrangeiro, enquanto que na situação presente é o vírus SARS 2.

Este tipo de situação (guerra mundial ou epidemia mundial) é especialmente "neutra" a nível político. As guerras do passado apenas desencadearam revoluções em dois casos, que podem ser denominadas anômalas em relação a Rússia e a China. No caso russo, isto aconteceu porque o poder czarista era em todos os sentidos, e tinha sido durante muito tempo, retrógrado, inclusive como uma potência potencialmente adaptada ao nascimento de um verdadeiro capitalismo naquele imenso país. E contra ele existia, sob a forma dos bolcheviques, uma vanguarda política moderna, fortemente estruturada por líderes notáveis. No caso chinês, a guerra revolucionária interna precedeu a guerra mundial, e o Partido Comunista Chinês já estava, em 1940, à frente de um exército popular que tinha sido experimentado e testado. Em contrapartida, em nenhuma potência ocidental a guerra desencadeou uma revolução vitoriosa. Mesmo no país que tinha sido derrotado em 1918, a Alemanha, a insurreição espartaquista foi rapidamente esmagada.

A lição a tirar daqui é clara: a epidemia em curso não terá, de forma alguma, consequências políticas dignas de nota num país como a França. Mesmo supondo que a nossa burguesia – à luz dos resmungos incipientes e débeis slogans, se generalizados – acredita que chegou o momento de se livrar de Macron, isso não representará, de forma alguma, qualquer mudança digna de nota. Os candidatos "politicamente corretos" já estão aguardando nos bastidores, assim como os defensores da forma mais odiosa de um "nacionalismo", tão obsoleto quanto repugnante.

Quanto àqueles de nós que desejam uma mudança real nas condições políticas deste país, devemos aproveitar este interlúdio epidêmico, e mesmo o isolamento – inteiramente necessário – para trabalhar sobre novas figuras políticas, sobre o projeto de novos locais políticos e sobre o progresso transnacional de uma terceira fase do comunismo, depois da brilhante fase da sua invenção e da – interessante

mas finalmente derrotada – fase da sua experimentação estatista.

Também precisaremos passar por uma crítica rigorosa de cada perspectiva, segundo a qual fenômenos como as epidemias podem funcionar por si mesmos na direção de algo que é politicamente inovador. Para além da transmissão geral de dados científicos sobre a epidemia, uma carga política só será sustentada por novas afirmações e opiniões sobre hospitais e saúde pública, escolas e educação igualitária, o cuidado dos idosos e outras questões deste tipo. Só estas poderão eventualmente ser articuladas com um balanço das perigosas fragilidades sobre as quais a situação atual lançou luz.

De passagem, será preciso mostrar publicamente e sem medo que as chamadas "redes sociais" demonstraram mais uma vez que são, acima de tudo – para além do seu papel na engorda dos bolsos dos bilionários –, um lugar de propagação da paralisia mental dos fanfarrões, dos rumores descontrolados, da descoberta de "novidades" antediluvianas, ou mesmo do obscurantismo fascista.

Não demos crédito, mesmo e sobretudo no nosso isolamento, a não ser às verdades controláveis pela ciência e às perspectivas fundadas de uma nova política, das suas experiências localizadas, bem como dos seus objetivos estratégicos.

UM GOLPE COMO O DE "KILL BILL" NO CAPITALISMO

Slavoj Žižek

A atual propagação da epidemia do coronavírus, desencadeou, por sua vez, vastas epidemias de vírus ideológicos que ficaram adormecidos em nossas sociedades: falsas notícias, teorias de conspiração paranoicas, explosões de racismo, etc. A necessidade de quarentenas, que é medicamente bem fundamentada, encontrou eco na pressão ideológica para estabelecer fronteiras definidas e para colocar em quarentena os inimigos que representam uma ameaça à nossa identidade.

Mas talvez outro vírus ideológico, muito mais benéfico, se espalhe e nos contagie: o vírus do pensamento em termos de uma sociedade alternativa, uma sociedade para além do Estado-nação, uma sociedade que se atualiza sob a forma de solidariedade e cooperação global. Ouve-se hoje com frequência especular que o coronavírus pode levar à queda do governo comunista chinês, tal como (como o próprio Gorbachev admitiu) a catástrofe de Chernobyl foi o acontecimento que desencadeou o fim do comunismo soviético. Mas há um paradoxo nisso, o coronavírus também nos força a reinventar o comunismo baseado na confiança nas pessoas e na ciência.

Na cena final do filme de Quentin Tarantino, "Kill Bill: Volume 2", Beatrix derrota o malvado Bill e lhe dá a "técnica dos cinco pontos para explodir um coração", o golpe mais mortal de todas as artes marciais. O movimento consiste numa combinação de cinco golpes com a ponta dos cinco dedos em cinco locais diferentes no

corpo do inimigo. Quando o inimigo se retira e dá cinco passos, seu coração explode dentro de seu corpo e ele cai irremediavelmente morto no chão.

Este ataque faz parte da mitologia das artes marciais, e evidentemente impossível de realizar em combate real mão-a-mão. Mas, no filme, depois da Beatrix o executar, Bill calmamente faz as pazes com ela, dá cinco passos e morre...

O que torna este ataque tão fascinante é o tempo que passa entre o momento do golpe e o momento da morte. Posso ter uma conversa normal desde que me sente em silêncio, mas estou sempre consciente de que no momento em que começo a andar, o meu coração explodirá e morrerei. Não é semelhante à ideia daqueles que especulam sobre como o coronavírus pode provocar a queda do governo comunista chinês? Como se fosse uma espécie de "técnica (social) de cinco pontos para explodir um coração" dirigida ao regime comunista do país; as autoridades podem sentar-se, observar e lidar com formalidades como quarentenas, mas qualquer mudança real na ordem social (como confiar nas pessoas) resultará na sua ruína.

A minha modesta opinião é muito mais radical. A epidemia do coronavírus é uma espécie de "técnica de cinco pontos para explorar um coração" destinada ao sistema capitalista global. É um sinal de que não podemos continuar no caminho em que temos estado até agora, de que é necessária uma mudança radical.

TRISTE REALIDADE: PRECISAMOS DE UMA CATÁSTROFE

Anos atrás, Fredric Jameson chamou a atenção para o potencial utópico dos filmes sobre catástrofes cósmicas (um meteoro ameaçando a vida na Terra ou um vírus exterminando a humanidade). Tais ameaças globais, por sua vez, levam à solidariedade global, pois nossas pequenas diferenças tornam-se insignificantes e todos nós trabalhamos juntos para encontrar uma solução. E aqui estamos nós, na vida real. A questão não é desfrutar sadicamente da propagação do sofrimento enquanto ele serve a nossa causa, mas refletir sobre o triste fato de que precisamos de uma catástrofe para podermos

repensar as características básicas da sociedade em que vivemos.

O primeiro modelo, ainda vago, de tal coordenação global é a Organização Mundial da Saúde; da qual não estamos recebendo o típico disparate burocrático, mas avisos precisos anunciados sem pânico. Organizações como esta deveriam ter mais poder executivo.

Os céticos ridicularizaram Bernie Sanders por sua defesa da cobertura universal da saúde pública nos EUA, mas o coronavírus não nos ensina a lição de que precisamos ainda mais do que isso, que devemos começar a criar algum tipo de rede GLOBAL de saúde pública?

Um dia depois de Iraj Harirchi, vice-ministro da saúde do Irã, dar uma coletiva de imprensa minimizando o coronavírus e assegurando que não eram necessárias quarentenas em massa, ele fez uma breve declaração informando que ele mesmo tinha o coronavírus e que iria ficar isolado por um tempo (ele tinha mostrado sinais de febre e fraqueza desde sua aparição anterior na televisão). Harirchi acrescentou: "Este vírus é democrático e não faz distinção entre ricos e pobres, entre estadistas e cidadãos comuns".

Nisto ele estava certo, estamos todos no mesmo barco. É difícil não perceber a tremenda ironia de que o que nos impulsiona a unir e a defender a solidariedade global se manifesta diariamente através de imposições rígidas para evitar a proximidade e o contato ou mesmo o auto-isolamento.

E não estamos apenas lidando com ameaças virais, podemos ver no horizonte todo tipo de outras catástrofes que estão chegando, ou já estão acontecendo diretamente: secas, ondas de calor, tempestades maciças, etc. Em todos estes casos, a resposta adequada não é o pânico, mas sim a ação urgente de estabelecer algum tipo de coordenação global e eficiente.

ESTAREMOS A SALVO APENAS NA REALIDADE VIRTUAL?

A primeira miragem que precisa ser esclarecida é aquela formulada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante

sua recente visita à Índia, onde ele disse que a epidemia vai diminuir rapidamente e que só temos que esperar pelo pico do contágio e então a vida vai voltar ao normal.

Contra tais esperanças de uma solução fácil, a primeira coisa que devemos aceitar é que a ameaça está aqui para ficar. Mesmo que esta onda recue, ela reaparecerá em formas novas, talvez até mais perigosas. Por esta razão, podemos esperar que as epidemias virais afetem as nossas interações mais básicas com pessoas e objetos ao nosso redor, incluindo o nosso próprio corpo: evitar tocar em coisas que possam estar (invisivelmente) contaminadas, não nos apoiarmos em corrimões, não nos sentarmos em banheiros ou bancadas públicas, evitar abraçar ou apertar a mão das pessoas. Talvez até nos tornemos mais cuidadosos com nossos gestos espontâneos: não tocar nosso nariz ou esfregar os olhos.

Portanto, não só somos controlados pelo Estado ou outras instituições similares, como também devemos aprender a controlar e disciplinar-nos a nós mesmos. Talvez só a realidade virtual seja considerada segura, e só será permitido mover-se livremente nas ilhas pertencentes aos bilionários.

Mas mesmo aqui, ao nível da Internet e da realidade virtual, devemos estar conscientes de que, nas últimas décadas, os termos "vírus" e "viral" têm sido usados principalmente para se referir a ameaças digitais que infectam a rede e das quais não estamos conscientes até que o seu poder destrutivo (o poder de destruir os nossos dados e discos rígidos) seja libertado. O que vemos agora é um retorno massivo ao significado original, literal do termo vírus. As infecções virais atuam lado a lado, tanto na dimensão real como na virtual.

A VOLTA DO ANIMISMO CAPITALISTA

Outro fenômeno estranho que pode ser observado nesta situação é o retorno triunfante do animismo capitalista, ou seja, tratar fenômenos sociais, como mercados ou capital financeiro, como se fossem organismos vivos. Se você ler a grande mídia, a impressão que você tem é que são os "mercados ficando nervosos" que deveriam nos preocupar, e não os milhares de pessoas que morreram e os

milhares que ainda não morreram. O coronavírus está perturbando cada vez mais o bom funcionamento do mercado mundial, e diz-se que o crescimento econômico está caindo em cerca de 2 ou 3%.

Não será tudo isto um sinal claro de que precisamos de uma reorganização da economia global para que ela não fique mais à mercê dos mecanismos de mercado? Claro que não estamos aqui falando de comunismo antiquado, mas simplesmente de algum tipo de organização global que possa regular e controlar a economia, bem como limitar a soberania dos Estados-nação quando necessário. Em outros momentos, os países têm sido capazes de fazer isso diante da ameaça de guerra, e agora todos nós estamos caminhando para um estado de guerra médica.

Além disso, não devemos ter medo de reconhecer alguns efeitos secundários potencialmente benéficos da epidemia. Um dos símbolos da epidemia são as imagens dos passageiros presos (em quarentena) em enormes navios de cruzeiro, o que me tenta a dizer que este é o fim da obscenidade de tais navios. Temos que cuidar para que viajar para ilhas distantes ou outros destinos nas férias não se torne novamente o privilégio de uns poucos ricos, como era há décadas atrás com as viagens aéreas. O coronavírus também afetou seriamente a produção de automóveis, o que não é tão mau, na medida em que pode induzir-nos a pensar em alternativas à nossa obsessão por veículos individuais. E a lista continua e continua.

Num discurso recente, o primeiro-ministro húngaro Viktor Orban disse: “Não existe tal coisa como um liberal. Um liberal é apenas um comunista com um diploma”.

E se a realidade fosse o contrário? E se chamássemos “liberais” aqueles que se preocupam com as nossas liberdades, e “comunistas” aqueles que sabem que só podemos salvar essas liberdades através de mudanças radicais num capitalismo global que se aproxima do seu próprio colapso? Então devemos dizer que aqueles que se reconhecem como comunistas são liberais com um diploma, liberais que estudaram seriamente porque os nossos valores liberais estão ameaçados e que perceberam que só uma mudança radical pode nos salvar.

SOBRE OS AUTORES

MIKE DAVIS é um escritor americano, ativista político, teórico urbano e historiador. Ele é mais conhecido por suas investigações de poder e classe social em sua terra natal no sul da Califórnia.

DAVID HARVEY é um teórico da Geografia britânico formado na Universidade de Cambridge. É professor da City University of New York e trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana. Em 2007 foi classificado como o décimo oitavo teórico vivo mais citado nas ciências humanas.

ALAIN BIHR é um sociólogo francês ligado à corrente do comunismo libertário. Conhecido por seus estudos acerca da extrema-direita francesa, em especial do *Front National*, é também utor de vários estudos sobre socialismo e o movimento operário e um dos fundadores e editores da revista *À Contre Courant*.

RAÚL ZIBECHI é jornalista, escritor e pensador-ativista, dedicado ao trabalho com movimentos sociais na América Latina.

ALAIN BADIOU é um filósofo, dramaturgo e novelista francês nascido no Marrocos. É conhecido por sua militância maoísta, por sua defesa do comunismo e do trabalhadores estrangeiros em situação irregular na França.

SLAVOJ ŽIŽEK é um filósofo, professor do Instituto de Sociologia e Filosofia da Universidade de Ljubljana e diretor internacional da Birkbeck, Universidade de Londres.